



Ilustração de
Eduardo Salles
(2013).

PARA ONDE AS MANIFESTAÇÕES LEVARÃO AS POTÊNCIAS EMERGENTES?

por *Guilherme Casarões** e
*Monique Sochaczewski Goldfeld***

As conexões entre o Brasil e a atual Turquia remontam ao século XIX, quando esta era o núcleo do Império Otomano. A despeito de percursos históricos muito semelhantes, seja no processo de industrialização, na evolução econômica e até mesmo nas intempéries políticas, seus caminhos só se cruzaram, de fato, nos mandatos (quase sincrônicos) do presidente Lula (2003-2010) e do primeiro-ministro Erdoğan (2003-).

Afirmando-se como potências emergentes num mundo em transformação, Brasil e Turquia viram na cooperação uma possibilidade única de fundar uma “nova geopolítica global”. Os paralelos eram óbvios: países em ascensão, desejosos por afirmar sua soberania econômica e política e comandados por líderes carismáticos, populares e munidos de um ativismo diplomático sem precedentes. O fato de serem jovens democracias contribuiu para que ganhassem o apreço do Ocidente, sem fechar portas no diálogo sul-sul.

Os efeitos são visíveis, da ampliação do comércio exterior ao expressivo número de turistas brasileiros que se enveredam pelos palácios de Istambul ou as paisagens da Capadócia, beneficiados pela inauguração de voos diretos. Houve, além disso, o polêmico “Acordo de Teerã”, de maio de 2010, responsável por colocar ambos os países nos holofotes da alta política. As transformações chegaram até ao imaginário coletivo brasileiro, sendo a Turquia tema de novela em horário nobre. A parceria teria vindo para ficar?

Desde a chegada de Dilma Rousseff ao poder, os proveitosos contatos bilaterais permaneceram, embora sem a mesma ênfase. Dilemas domésticos levaram os dois países a voltar-se para dentro. Por aqui, os grandes voos diplomáticos dos anos anteriores foram reduzidos a ações pontuais, imediatas, guiadas pelas necessidades estruturais da economia nacional – que vem passando por momentos críticos no último ano. Acolá, além da conjuntura regional deteriorada após a

Primavera Árabe, um difícil processo de reforma constitucional tem polarizado a sociedade, suscitando acusações de autoritarismo e tentativas de islamização por parte do governo. Nada que abalasse, contudo, a imagem positiva que os países veiculavam para o mundo.

A história de sucesso destas nações emergentes durou, sem sobressaltos, até o último mês. O acidente de balão na Capadócia, que vitimou brasileiros em meados de maio, parece ter trazido um mau presságio para o que viria adiante. O que começou como uma manifestação focalizada contra a desapropriação de um parque no centro de Istambul transformou-se um movimento de massas em dezenas de cidades, arregimentando um número enorme de insatisfeitos – e de demandas contra o governo. Alguns dias mais tarde, impulsionadas pelo aumento das tarifas de transporte público em diversas capitais, diversas ondas de manifestações varreram o Brasil e levaram, em duas semanas, milhões de pessoas às ruas.

**A ADAPTAÇÃO CRIATIVA É
NECESSÁRIA, ENTENDENDO-SE
BEM QUE, PARA POTÊNCIAS
EMERGENTES COMO BRASIL E
TURQUIA, A REPUTAÇÃO É
SEU BEM MAIS PRECIOSO.**

Enquanto as respectivas economias mantiveram seu fôlego, as insatisfações eram difusas e, no mais das vezes, latentes. A eclosão dos movimentos dá-se exatamente num momento de



ERDOGAN AND THE TURKISH DEMOCRACY
Cartoon assinado por **Carlos Latuff** (2013).



recessão e revela, além das insatisfações imediatas, dilemas políticos e sociais profundos. Crescente autoritarismo e supressão de liberdades assolam um país que, até recentemente, pleiteava seu ingresso na União Europeia. Corrupção, violência e ineficiência corroem, deste lado do mundo, a imagem da nação que sediará, muito em breve, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Nos dois casos, a reação governamental à insatisfação popular generalizada, além de demonstrar pouco traquejo político diante das demandas, foi marcada pela truculência policial. A diferença fundamental é que, enquanto no Brasil o alvo pareceu ser a classe política em geral, na Turquia a figura de Erdoğan canalizou grande parte das insatisfações. O primeiro-ministro, que se apressou em chamar os manifestantes de “vagabundos”, agora alega que os governos brasileiro e turco são vítimas do “lobby da taxa de juros”.

É cedo para contabilizar as perdas de parte a parte. De todo modo, pode-se dizer que o “gênio saiu da garrafa”, gerando desconfiança de investidores estrangeiros, afugentando turistas e colocando em questão os modelos democráticos das duas nações. A questão, daqui para frente, é saber como as lideranças políticas assimilarão as contestações recentes. Os partidos governistas, há uma década no poder, precisam reinventar-se para manter sua posição, sob o risco de derrotas cruciais no curto prazo. A adaptação criativa é necessária, entendendo-se bem que, para potências emergentes como Brasil e Turquia, a reputação é seu bem mais precioso.